

Internet e juventude: desafios da contemporaneidade

Alfeu O. Barreto Junior

Professor de Geografia da rede pública de ensino de nível fundamental no Colégio Militar do Rio de Janeiro e na rede pública do município do Rio de Janeiro; mestre em Letras e Ciências pela Universidade José de Souza Herdy (UNIGRANRIO) e doutorando em Educação pela Universidade Estácio de Sá (Rio de Janeiro).

Resumo

Discutir como os indivíduos se relacionam com a internet é um assunto que está na ordem do dia. Torna-se irrelevante fazer referência aos nativos (jovens) ou imigrantes digitais (adultos), uma vez que as Tecnologias de Comunicação e Informação estão direta ou indiretamente presentes na vida de boa parte dos brasileiros. No contexto dessa relação, este artigo observa a influência da internet na formação identitária da camada da sociedade mais “imersa” na internet: a juventude. Definir o que é ser jovem é uma tarefa árdua, mas delinea-se aqui aquele diretamente ligado à prática docente: alunos de nível fundamental e médio. Assim, autores com visões utópicas e distópicas, advindos do meio acadêmico ou das artes, são brevemente apresentados como forma de proporcionar uma reflexão sobre os desafios apresentados pela contemporaneidade na qual a juventude está “conectada”, como forma de buscar ações que possam articular a ação pedagógica a esse contexto.

Palavras-chave: Internet. Juventude. Utopias. Distopias. Educação.

Abstract

Discuss how individuals relate to the internet is a subject that is on the today's agenda. It becomes irrelevant to refer to the native (young people) or digital immigrants (adults), since the Information and Communication Technologies are directly or indirectly present in the life of most Brazilians. In the context of this relationship, this paper looks at the internet's influence on the identity formation society layer more "immersed" in the internet: youth. Define what being young is an arduous task, but is outlined here one directly linked to teaching practice: primary and secondary school students. Thus, authors with utopian and dystopian visions, coming from academic world or the arts, are briefly presented as a way to provide a reflection on the challenges of contemporary society in which youth are "connected" and seek actions that can articulate the pedagogical action in this context.

Keywords: Internet. Youth. Utopias. Dystopias. Education.

A ecologia das técnicas de comunicação propõe, os atores humanos dispõem. São eles que decidem, em última instância, deliberadamente ou na semi-inconsciência dos efeitos coletivos, do universo cultural que constroem juntos. É preciso ainda que tenham percebido as possibilidades de novas escolhas. (Pierre Levy)

Introdução

Observa-se cotidianamente nas ruas, nos transportes coletivos ou em outros ambientes públicos o quanto os indivíduos estão absorvidos pela vida digital, utilizando dispositivos móveis para os mais diversos fins. Os smartphones, por exemplo, além da sua função básica para a telefonia, entretêm ou instruem o usuário para jogar e ler, caso esteja off-line. Estando on-line, permitem acessar conteúdos de sites ou blogs, intermediar relacionamentos interpessoais ou comunitários em redes sociais, ouvir ou buscar músicas em streaming etc. O computador pessoal, os notebooks e os tablets complementam essas formas de acesso à web em diversos ambientes.

Com base nas pesquisas do CETIC.br (Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação – UNESCO), realizada em 2013, alguns órgãos da imprensa corroboram com essa percepção do nosso dia a dia. Segundo o jornal Folha de São Paulo (26/06/2014), 31% da população do país (52,5 milhões de habitantes) acessam a internet por meio do telefone, sendo que em 2012 representava apenas 20%. A parcela de indivíduos que acessa a internet já chega a 51% (86 milhões de brasileiros) ao serem englobados outros meios de acesso às redes digitais. O jornal O Globo Digital (27/06/2014), aponta que os jovens são os mais “conectados”: 75%, entre os brasileiros de 10 a 15 anos; 77%, entre os de 16 a 24; e 66%, entre os de 25 a 34 anos.

Ambas as fontes ressaltam que há diferenças na forma e na regularidade de acesso à internet pela juventude conforme as diferentes classes sociais e regiões brasileiras, mas concluem que o Brasil possui uma das maiores populações de internautas do mundo.

Jovens, juventudes e identidades

Porém, como definir precisamente o que vem a ser jovens ou juventude? Tal empreitada pode partir de uma situação subjetiva, dado que muitos adultos se consideram jovens, assim como muitos adolescentes já se consideram adultos. As pesquisas acima tomam por base faixas etárias e, portanto, não aprofundam qualitativamente sobre que tipo de jovem podemos nos apropriar neste artigo. Catani e Gilioi (2004), pesquisadores da USP na área de sociologia, nos alertam que:

É necessário dizer que não há apenas uma juventude e uma cultura juvenil, mas várias, que diferem segundo condições sociais e históricas específicas. A ampla percepção da juventude como categoria social distinta é própria do século XX, em especial em sua segunda metade. Nesse contexto, a urbanização fez dos jovens alvo de preocupação do Estado e de vários setores sociais, destacando-se temas como a educação, a delinquência e o trabalho. Igualmente, a juventude adquiriu relevo na esfera do consumo e da indústria cultural, em que o avanço técnico e a expansão dos meios de comunicação contribuíram para incorporar os jovens como protagonistas nos mercados da moda, da música e do esporte, entre outros. (p. 12)

Os mesmos autores haviam adiantado em sua obra que, enquanto para a nossa sociedade o desafio é definir o jovem, essa questão é mais premente para o jovem ao buscar definir-se diante de si próprio e diante dos outros. E completam que:

Para discutir o que vem a ser a juventude é necessário começar desmistificando-a como categoria apenas natural e biológica, quando, na verdade ela é, sobretudo, uma construção social que varia de acordo com as diferentes culturas e mesmo no interior de cada cultura. (CATANI & GILIOI, 2004, p. 12)

Essa construção social, por sua vez, é concomitante ao processo de formação identitária do indivíduo. O teórico cultural e sociólogo Stuart Hall aponta que as sociedades tradicionais a identidade ou a própria individualidade se confundia com as características do grupo social ao qual estava ligado desde o nascimento até a sua morte física, de forma que a identidade costurava o indivíduo à estrutura da sua sociedade. Na contemporaneidade, no entanto, observa-se outro movimento e Hall (2001) observa que:

a época moderna fez surgir uma forma nova de individualismo, no centro da qual erigiu-se uma nova concepção do sujeito individual e sua identidade. As transformações associadas à modernidade libertaram o indivíduo de seus apoios estáveis nas tradições e nas estruturas (p. 24-25).

O sociólogo Zygmunt Bauman aprofunda a dificuldade da construção identitária na contemporaneidade, o na metáfora por ele criada “sociedade líquido moderna”, em que:

O nascente Estado moderno enfrentou a necessidade de criar uma ordem não mais reproduzida automaticamente pelas sociedades de familiaridade mútua, bem estabelecidas e firmemente consolidadas, incorporou essa questão e apresentou em seu trabalho de estabelecer os alicerces de sua novas e desconhecidas pretensões à legitimidade” (BAUMAN, 2007. p. 25). Isso significou o fim do “cidadão local” em nome da “natividade” como alicerce do Estado-Nação. “Cuidadosamente construída pelo Estado e suas forças (...), a identidade nacional objetivava o direito monopolista de traçar a fronteira entre nós e eles (BAUMAN, 2007, p. 28).

Atualmente vivencia-se o desmantelamento desse modelo de Estado em razão das transformações econômicas e sociais que vem se processando a nível mundial, no contexto da globalização. A contemporaneidade pode ser vista como um dos reflexos desse processo e se expressa por uma mudança estrutural da própria sociedade através da fragmentação das “paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, que, no passado, nos tinha fornecido sólidas localizações como indivíduos sociais” (HALL, 2001, p. 9).

Isto quer dizer que a questão da desvinculação ou da perda de referenciais se dá num nível mais profundo dos parâmetros que determinam a possibilidade de uma individualidade/identidade. Bauman (2007) infere que

Quando a identidade perde as âncoras sociais que faziam parecer natural, predeterminada e inegociável, a identificação se torna cada vez mais importante para os indivíduos que buscam desesperadamente um nós a que possam pedir acesso (p. 30).

Nessa constante e dinâmica pela busca do eu ou do nós, este autor ainda completa que:

Os grupos que os indivíduos destituídos pelas estruturas de referência ortodoxas tentam encontrar ou estabelecer hoje em dia tendem a ser eletronicamente mediados, frágeis totalidades virtuais, em que é fácil entrar e ser abandonados. Dificilmente poderiam ser um substituto válido das formas sólidas - com a pretensão de ser ainda mais sólidas - de convívio que, graças à solidez genuína ou suposta, podiam prometer aquele reconfortante sentimento do nós - que não é oferecido quando se está surfando na rede. (...) Tampouco podem essas comunidades virtuais dar substância à identidade pessoal - a razão básica para procurá-la. Pelo contrário, elas tornam mais difícil para a pessoa chegar a um acordo com o próprio eu (BAUMAN, 2007. p. 31).

Visto que a juventude emerge como tema relevante por ser fenômeno típico da sociedade moderna, ela é vista como uma parcela da sociedade em busca de sua identidade e entendida como fase transitória entre a condição infantil e a adulta, mas sem limites precisos e não demarcados por rituais sociais rígidos. Mas existe realmente uma única juventude? Catani e Gilioti (2004) buscam responder a essa questão afirmando que, na verdade:

Por um lado, é útil compreender a juventude no singular já que ela se uniformizou com a internacionalização da economia, a globalização do consumo, a expansão da escolarização e de políticas públicas voltadas a esse segmento. Por outro, englobar deferentes posicionamentos, expressões e condições juvenis em rótulos generalizantes é perigoso (...). Juventude “é apenas uma palavra”, uma vez que haveria pelo menos duas juventudes, a burguesa e das classes populares, com diferenças significativas entre si. Jovens universitários, camponeses e operários têm pouco em comum, além da faixa etária. Assim, torna-se necessário falar em *juventudes* e em *culturas juvenis*.

O protagonismo cultural proposto por Catani e Gilioti e a intensa participação das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC), assim como a reflexão proposta por Stuart Hall sobre a questão identitária, nos permite ampliar nossa discussão sob a ótica de como se dá a relação dos jovens com as TIC, especialmente por meio da convergência de todas as formas possíveis de conhecimentos, expressões culturais,

opiniões, sentimentos, posicionamentos políticos etc. Isso gera oportunidades e riscos para essa parcela da população que ainda está aprendendo a fazer suas próprias escolhas e construindo suas identidades.

Juventude, cultura e TIC

Nesse contexto este artigo pega carona na epígrafe de Pierre Levy para propor uma reflexão sobre a seguinte questão: em que medida esses “atores humanos” – os jovens – estão preparados ou sendo orientados para participar de forma deliberada e consciente da construção de um “universo cultural” na “ecologia das técnicas de comunicação”, ou melhor dizendo, no “ciberespaço?” (LEVY, 1999). Entendemos que é oportuno buscar uma compreensão de como a juventude está inserida nesse contexto, de maneira que a família e a escola possam participar ativamente e efetivamente na sua formação para a cidadania plena. Essa reflexão talvez gere aqui mais perguntas do que respostas, mas procura contribuir para o debate sobre a relação da TIC com a juventude na contemporaneidade.

Levy (1999, p. 123) reforça a importância dessa camada da sociedade no mundo atual ao comentar que:

A emergência do ciberespaço é fruto de um verdadeiro movimento social, com seu grupo líder (a juventude metropolitana escolarizada), suas palavras de ordem (interconexão, criação de comunidades virtuais, inteligência coletiva) e suas aspirações coerentes.

Em contraponto ao otimismo de Levy e de outros importantes estudiosos sobre o impacto das tecnologias de comunicação e informação (TIC) no mundo atual, existem aqueles que apresentam percepções bastante pessimistas. A própria sociedade, por meio de suas expressões artísticas e dos movimentos sociais também externalizam essas utopias e distopias.

Atualmente ainda vivemos a “ressaca” das promessas da modernidade inauguradas com a Revolução Francesa como a igualdade, a liberdade e a fraternidade, que poriam fim às desigualdades sociais. O progresso técnico e científico advindo da Revolução Industrial e do pensamento racionalista complementa a ideia de que a

humanidade se libertará do árduo trabalho braçal, da fome e da enfermidade. Os meios de comunicação de massa tradicionais (rádio, televisão e imprensa) cumprem o papel de perpetuar essas utopias de maneira unidirecional, tendo o indivíduo como elemento passivo diante das informações que chegam até ele.

As TIC, por sua vez, permitem que haja um caminho de mão dupla, no qual o usuário da internet, atuando sobre o ciberespaço, é, ao mesmo tempo, receptor e produtor de informação, conhecimento e cultura, além de trocar experiências pessoais por meio das redes sociais. Não podemos omitir o fato de que o indivíduo também é consumidor de produtos e conteúdos, assim como alertar que as leis do capital também participam desse mesmo espaço virtual.

Expressões culturais e tecnologia: utopias e distopias

As diversas expressões artísticas, como a literatura e o cinema quase que secularmente denunciam uma distopia subjacente a esse contexto. Filmes como *Metropolis* (1927) e *Blade Runner* (1982) e romances como *Admirável Mundo Novo*, escrita por Aldous Huxley (1932) e 1984, de George Orwell (1949), são obras ficcionais sobre o futuro da sociedade moderna que apontam o quanto a tecnologia na área da comunicação pode significar opressão, controle, vigilância, quando submetidos ao totalitarismo de um poder econômico ou político. Revelam também que o acesso aos bens materiais e dos benefícios do progresso depende de uma sociedade mais igualitária. Mais do que proféticas, essas obras mostraram que a sociedade atual pouco evoluiu nas questões que ainda afligem boa parte da humanidade a despeito de todos os avanços no campo tecnológico e material.

Ao acompanharmos o debate acadêmico sobre o impacto das TIC no mundo contemporâneo verificamos que Manuel Castells é outro entusiasta e importante estudioso que dialoga com Pierre Levy sobre o papel do indivíduo como agente da construção do ciberespaço no contexto da assimilação/produção de conhecimento. E Castells (1999, p. 69) vai além ao afirmar que:

O que caracteriza a atual revolução tecnológica não é a centralidade de conhecimentos e informação, mas a aplicação desses conhecimentos e dessa informação para a geração de conhecimentos e de dispositivos de processamento/comunicação da informação, em um ciclo de realimentação cumulativo entre a inovação e seu uso. (...) Dessa forma, os usuários podem assumir o controle da tecnologia como no caso da Internet. Há, por conseguinte, uma relação muito próxima entre os processos sociais de criação e manipulação de símbolos (a cultura da sociedade) e a capacidade de produzir e distribuir bens e serviços (as forças produtivas). Pela primeira vez na história, a mente humana é uma fonte direta de produção, não apenas um elemento decisivo no sistema produtivo.

Este autor igualmente nos apresenta como os indivíduos/agentes que podem “assumir o controle” da tecnologia inclusive no sistema produtivo. Outros pesquisadores, no entanto, possuem uma percepção completamente oposta a essa questão. O ensaísta John Gray (2009, p. 31) afirma que, na verdade, nos é impossível exercer controle sobre a tecnologia, pois “uma vez que a tecnologia entra na vida humana – seja ela o fogo, a roda, o automóvel, o rádio, a televisão ou a Informática -, a vida é transformada por ela de maneira que nunca podemos compreender inteiramente”.

Os educadores e estudiosos sobre o impacto das TIC na sociedade contemporâneo Rosado, Bohadana, Lemgruber e Ferreira (2015), entendem que a tecnologia, no seu sentido mais amplo, se constitui como modo organizado de produção de saberes e artefatos. E complementam que desde os tempos remotos:

A tecnologia precisa ser, e vem sendo questionada quanto aos seus limites éticos, especialmente quando se pensa na capacidade que os artefatos técnicos possuem e a que desejos podem atender. O poder humano, advindo da dominação técnica, logo se associa ao poder de transformar e criar coisas (artefatos, objetos, instrumentos), transformando a si mesmo em agente pensante e modificando a paisagem ao seu redor. Esse poder fascina e é fonte de cobiça para muitos, mas, também, gera temores e reações quanto aos seus potenciais impactos (p. 99-100).

Como todo elemento mediador entre um homem e outro, ou entre um homem e um processo produtivo, a tecnologia necessariamente provoca uma interferência nas inter-relações humanas; perde-se, de certa forma, o controle sobre o todo.

Felinto (2005), por sua vez, investiga como as representações sociais participam do processo de interação do indivíduo com o ciberespaço e concorda com Levy de que uma tecnologia não pode ser pensada separadamente das mesmas. Ele revela que para a humanidade:

O admirável mundo novo das tecnologias informáticas é também um mundo de perplexidades, de incertezas, de imaginação exaltada e, por vezes, selvagem. É natural que a introdução de toda tecnologia em uma cultura produza um dilúvio de expectativas, de insegurança ou otimismo exacerbado. Nos momentos iniciais do desenvolvimento das tecnologias de comunicação à distância – rádio, televisão, telégrafo – não faltaram fantasias e delírios utópicos ou distópicos.

Apesar da aparente visão menos distópica sobre a tecnologia conforme a afirmação acima, Felinto (2005, p.62), é pouco otimista pois propõe que

Diferentemente das tecnologias do passado, elas não se apoiam mais sobre um sentido de materialidade visual. No passado, o maquinismo gerava um sentido de reverência por sua aparência e dimensões. Hoje, a reverência deriva do sentimento oposto: quanto menor, mais invisível e misteriosa é a configuração da máquina, mais poderosa ela parece. (...) Essa invisibilidade as torna menos suscetíveis à representação, ao mesmo tempo em que facilita ao tecnológico impregnar todos os contornos de nossa existência cotidiana.

O autor completa que fomos absorvidos pela máquina e nos tornamos mais um elemento que faz parte do sistema de informações entre outros. Pode-se inferir que o momento atual se assemelha ao da época em que éramos mais uma peça da engrenagem das máquinas nos idos da Revolução Industrial, esplendidamente representada no cinema por Chaplin em *Tempos Modernos* (1936) e Fritz Lang em *Metropolis* (1927). Felinto ainda afirma que, na medida em que mente e consciência se fundem com a informação, o corpo sai de cena. Surge a promessa de infinitos poderes na construção padrões de identidade alternativos, conferindo a cada indivíduo a possibilidade de obter um self superior a si mesmo no mundo virtual.

Ocorreria, portanto, a partir desse processo, um descolamento entre o real e o virtual, do sujeito concreto e do seu self cibernético. Dessa forma, determinados aspectos da vida social poderiam ficar comprometidos. Felinto (2005, p. 67) nos exemplifica isso a partir da seguinte colocação:

No ciberespaço teríamos supostamente a mais perfeita realização de uma democracia digital, onde todos poderiam comunicar-se, onde as diferenças de gênero, raça ou crença deixariam de determinar nossas relações. Entretanto, essa fantasia democrática oculta uma ideologia da totalização, da indistinção. Uma ideologia que muitas vezes se dá ao trabalho de disfarçar seu totalitarismo nos discursos da teoria. Já está em curso de institucionalizar-se.

Erick Felinto também discute as representações sociais subjacentes ao à forma como os indivíduos se relacionam com o mundo virtual e verifica que está em movimento uma mitificação, uma crença, uma fé na tecnologia, revelando a costura de novas utopias. Semelhante ao que ocorre nas experiências das culturas esotéricas, a tecnocultura busca em si uma pretensa cientificidade, na busca de significações míticas ou quase religiosas para contextos/conceitos absolutamente vazios em si, como o de ciberespaço, por meio de analogias de estruturas de pensamento mágico. Segundo Felinto (2005, p. 39), “atribui-se ao ciberespaço determinadas imagens culturais que fantasiam sua transformação em um novo empíreo, uma nova cidade celestial” e defende que, sem uma visão crítica, podem “ser aceitas como moeda corrente das análises sociológicas e culturais das novas tecnologias”.

Wertheim (*apud* FELINTO, 2005, p. 47) nos chama a atenção de que esse imaginário é certamente ‘uma espécie de geografia diferente de tudo o que eu experimento no mundo físico, mas que não é menos real pelo fato de ser imaterial’, mesmo quando uma pessoa assume ou cria identidades múltiplas no ciberespaço, como se tivesse a liberdade de reelaboração de suas personas.

Dessa forma, o que para muitas pessoas é “o mundo do faz de conta”, para Lévy (1999), o ciberespaço, é o elemento gerador da “cultura da virtualidade real”. Uma vez que tivermos consciência de que o ciberespaço é guiado por interesses sociais, governamentais e econômicos, faremos da realidade a nossa virtualidade e vice-versa, assumindo, portanto, o controle sobre nós mesmos e do mundo digital.

Paulo Vaz observa outra vertente nessa discussão ao discutir em seu artigo “Agentes na Rede” o papel dos indivíduos que estão por trás da interface da tela computador, *tablet* ou *smartphone*. São especialistas em informática ou em *web design* responsáveis pela produção de conteúdos dos *sites*, portais e redes sociais na internet, que constroem uma visibilidade ou dinâmica consumível das informações para o usuário por meio de recursos gráficos e sonoros. VAZ (1999, p. 5) nos informa que o excesso de

informações e a velocidade dessas mesmas informações que transitam no ciberespaço são a marca da nossa cultura e acrescenta que

Quando o mundo deixa de ser constituído de objetos a serem representados e se torna informação a ser processada, a quantidade da informação disponível é sempre maior do que aquela passível de ser processada por um sistema na realização de uma dada ação.

Diante da nossa incapacidade de acompanhar esse processo Vaz (1999, p. 6), categoricamente afirma que “o acesso à informação é uma questão de poder”. Os “agentes na rede” atuam no ciberespaço como técnicos a serviço dos interesses daqueles que detém o poder econômico, político e cultural no mundo real. A princípio, são os únicos atores sociais capazes de gerenciar e manipular o excesso e a velocidade das informações já que contam que o receptor da informação não nunca conseguirá certificar-se das intenções do emissor.

Paul Virilio é um dos autores brasileiros mais distópicos ou pessimistas ao estudar o impacto das TIC na sociedade, corroborando que são controladas por agentes na rede. Ele antevê que todos os usuários caminharão para uma total incapacidade de discernimento sobre os conteúdos apresentados no ciberespaço. Virilio (1999, p. 44) preconiza que “deslizamos inconscientemente da pura tecnologia para a tecnocultura e finalmente para o dogmatismo de uma tecnocultura totalitária”. Tal situação apresentada por esses dois últimos estudiosos nos impõe, portanto, uma constante atitude de interpretação.

No esforço da busca de um olhar alternativo, mas não menos realista em relação às visões utópicas e distópicas sobre o papel das TIC na sociedade contemporânea, os educadores Rosado, Bohadana, Lemgruber e Ferreira (2015, p. 101) contribuem para nos esclarecer que:

De fato, configuram-se como prescientes de muitos dos debates correntes acerca da privacidade, segurança e liberdade na Internet. Configuram-se, assim, em cenários de ambivalências inerentes às tensões representadas pelo poder dado pela técnica ao homem e a necessidade de limites em seu uso, no qual utopias se anunciam como promissoras e distopias nos alertam e procuram frear o homem em sua busca por domínio e poder.

A juventude “conectada”

Diante dos desafios apresentados até aqui sobre a relação sujeito/ciberespaço, como os jovens poderão ser orientados a uma tomada de consciência sobre os limites ou entrelaçamentos entre o real e o virtual? Como serão capazes de interpretar os conteúdos apresentados nos *sites*, *blogs*, portais e redes sociais? Nestor Canclini reconhece que há uma certa dificuldade de nós, pais e educadores, contribuirmos para que essas duas ações sejam concretizadas na vida dos jovens. Canclini (2009. p.150) nos informa que há na juventude uma:

fascinação pelo acesso e os intercâmbios ganham da memória e da projeção para o futuro. Como consequência, diminui o papel da institucionalidade organizada pela primeira modernidade – as escolas, os partidos políticos, a organização legal e a continuidade do espaço público – em benefício dos arranjos transitórios, da apropriação flexível de recursos heterogêneos no mercado de trabalho e nos consumos.

LEVY (1999, p. 130), em contrapartida, revela a outra face dessa mesma moeda. De forma mais otimista, sugere que *cibercultura*, fruto da integração entre ciberespaço e a ação dos sujeitos/usuários,

é a expressão da aspiração de construção de um laço social, que não seria fundado nem sobre links territoriais, nem sobre relações institucionais, nem sobre as relações de poder, mas sobre a reunião em torno de centros de interesses comuns, sobre o jogo, sobre o compartilhamento do saber, sobre a aprendizagem cooperativa, sobre processos abertos de colaboração. O apetite para as comunidades virtuais encontra um ideal de relação humana desterritorializada, transversal, livre. As comunidades virtuais são os motores, os atores, a vida diversa e surpreendente do universal por contato.

No seu artigo eletrônico, Rodrigo Nejm, pesquisador GITS (Grupo de Pesquisa em interação, Tecnologias Digitais e Sociedade da Universidade Federal da Bahia), identifica a importância das tradicionais relações interpessoais na construção identitária dos jovens, mesmo sob a influência das TIC. Ele nos dá pistas de como podemos interferir positivamente junto aos jovens na forma como acessam a internet. NEJM (2014, página única) observa que:

Desde a primeira infância ensinamos às nossas crianças valores orientadores sobre os limites. Mesmo que as mudanças técnicas trazidas pela Internet sejam compartilhadas por todos os usuários, não temos dúvida de que as apropriações e (re)arranjos que os adolescentes fazem destes ambientes é consideravelmente influenciado pelos valores que aprenderam ou desenvolveram em suas relações interpessoais na família, no bairro, nas escola e com a galera. Não podemos tampouco negar que a própria dinâmica dos ambientes digitais vem provocando mudanças nas formas como todos nós, adultos inclusive, criamos e negociamos as regras que definem a extensão dos limites de visibilidade e compartilhamento das informações que consideramos privadas.

TIC, juventude e educação

Douglas Kellner e Jeff Share, pesquisadores americanos no campo da formação de professores, acrescentam que “as novas tecnologias da comunicação são ferramentas poderosas que podem libertar ou dominar, manipular ou esclarecer, e é vital que os educadores ensinem seus alunos a analisar criticamente esses tipos de mídia” (KELLNER e SHARE, 2008, p. 703). Estes autores entendem que o envolvimento ativo do professor num processo pedagógico que implique em levar o aluno a observar criticamente o que é veiculado pelas diversas mídias, supõe o que eles chamam de “alfabetização ou pedagogia midiática”, o qual deve acontecer num contexto de democracia radical em sala de aula (o professor também aprende com o aluno). Esta pedagogia contribua para que o discente seja capaz de ler e manipular criticamente os contextos políticos, econômicos, históricos e sociais que estão por baixo da ponta do “iceberg” que o conduza a uma ação transformadora da realidade social. Sobre esta metáfora, Kellner e Share (2008, p. 701) informam que:

O componente crítico da alfabetização midiática deve transformar a alfabetização em uma exploração do papel da linguagem e da comunicação para definir relações de poder e dominação, pois abaixo da água, naquele iceberg, vivem noções ideológicas profundamente embutidas, de supremacia branca, patriarcalismo capitalista, classismo, homofobia e outros mitos opressivos.

Os jovens aqui definidos como a nossa audiência em sala de aula, ao contrário do que muitos apregoam, conferem às suas vidas novos sentidos, novas identidades, com a ressignificação das diversas influências as quais estão sujeitos ou com as quais interagem no ciberespaço e na cibercultura. Isso é um processo importante no contexto da inserção social do jovem no mundo moderno, mesmo que ocorra de forma fragmentada e descontínua ao construírem suas visões de mundo a partir do local em “conexão” com o global.

Considerações Finais

Mesmo que sejamos um fragmento temporal na vida dos alunos, Kellner e Share (2008, p. 709) mais uma vez nos chamam a atenção de que:

A tarefa dos educadores e pesquisadores é a de desenvolver-se em um novo tipo de alfabetização que funcione, desde a pré-escola até a educação superior, e incorpore novas tecnologias de informação e comunicação, a mídia e a cultura popular à pedagogia crítica. Esse trabalho deve desafiar as ideologias dominantes e dar poder aos jovens para desvendar os mitos, criando suas próprias representações alternativas, que lhes levem a ter voz ativa e a lutar por justiça social.

Portanto, respeitando e não negligenciando que o ciberespaço é componente importante na vida dos jovens e de que não há incompatibilidade entre o mundo físico/social e o virtual, abre-se um leque de possibilidades no dia a dia da sala de aula, especialmente se atentarmos para que as relações interpessoais sejam o centro do processo de ensino aprendizagem. Baseados num diálogo aberto e negociado sobre os riscos e benefícios do uso da internet, poderemos contribuir para que a utopia da cidadania plena seja perseguida por cada indivíduo.

Referências

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**, Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

CANCLINI, Néstor García. Diversidade e Direitos na Interculturalidade Global. **Revista Observatório Itaú Cultural**, N. 8 (abr/jul. 2009). São Paulo: Itaú Cultural, 2009.

CATANI, Afrânio Mendes; GILLOTI, Renato de Souza. **Culturas Juvenis: Múltiplos Olhares**. São Paulo: UNESP, 2004.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede: a era da informação**: São Paulo: Paz e Terra, 1999.

FELINTO, Erick. **A religião das máquinas**. Ensaio sobre o imaginário da cibercultura. Porto Alegre: Sulina, 2005.

GRAY, John. **Cachorros de palha: reflexões sobre humanos e outros animais**. São Paulo: Paz e Terra, 2009.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro. DP&A, 2001.

JORNAL FOLHA DE SÃO PAULO. Número de brasileiros que usa internet pelo celular cresce 106% em dois anos, diz pesquisa.
<http://www1.folha.uol.com.br/tec/2014/06/1476690-numero-de-brasileiros-que-usa-a-internet-pelo-celular-mais-que-dobra-em-dois-anos-diz-pesquisa.shtml> (último acesso em 3 jul 2015)

JORNAL O GLOBO DIGITAL. Número de internautas no Brasil alcança percentual inédito mas acesso ainda é concentrado.
<http://oglobo.globo.com/sociedade/tecnologia/numero-de-internautas-no-brasil-alcanca-percentual-inedito-mas-acesso-ainda-concentrado-13027120> (último acesso em 3 jul 2015)

KELLNER, D.; SHARE, J. Educação para a leitura crítica da mídia, democracia radical e a reconstrução da educação. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 29, n. 104, out. 2008. p. 687-715. Disponível em:
<<http://www.scielo.br/pdf/es/v29n104/a0429104.pdf>>. Acesso em: 25 out 2015 .

LEVY, Pierre. **A Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.

NEJM, Rodrigo. **Adolescenci@s conectadas**. Salvador: **Grupo de Pesquisa em interação, tecnologias digitais e sociedade** (UFBA), 2014. Disponível em <http://gitsufba.net/adolescencis-conectadas/> (último acesso em 4 jul 2015)

ROSADO et al. De Metrópolis a Matrix: arte e filosofia na formação de pesquisadores em educação. **Leitura: Teoria & Prática**. Campinas, São Paulo, v.33, n.1 (64), p.97-110, 2015

RÜDIGER, Francisco. **As teorias da cibercultura**: perspectivas, questões e autores. Porto Alegre, Sulina, 2013.

VAZ, Paulo. **Agentes na rede**. Belo Horizonte: UFMG, 1999. **Anais... VIII Encontro Anual da Associação Nacional de Programas de Pós-Graduação em Comunicação**. Belo Horizonte: UFMG/Minas Gerais, 1999. v.1). Disponível em <http://pt.scribd.com/doc/7253451/Vaz-Paulo-RG-Agentes-Na-Rede> (último acesso em 5 jul 2015)

VIRILIO, Paul. **A bomba informática**. São Paulo: Estação Liberdade, 1999.